



Violência doméstica

Agressores frequentam programa piloto de reconversão de comportamento

2010-04-14, 14h35

Lisboa, 14 abr (Lusa) - Há 18 agressores de violência doméstica a frequentar um programa piloto de reconversão comportamental, mas em breve poderão ser 150, anunciou hoje um responsável da Direção Geral de Reinserção Social.

Números divulgados hoje pela Direção Geral de Administração Interna espelham a gravidade do problema: a cada hora que passa há mais três a quatro queixas de vítimas de violência doméstica.

Só no ano passado registaram-se mais de 30 mil participações e 16 pessoas acabaram por se transformar em vítimas mortais deste crime.

Nos últimos meses foram iniciados dois projetos piloto para tentar alterar o atual panorama: surgiram as pulseiras eletrónicas com sistemas tecnológicos adaptados à violência doméstica e os programas de reconversão de comportamento do criminoso.

Cerca de 150 agressores poderão vir a integrar um programa contra a violência doméstica. Através de sessões terapêuticas pensadas para conseguir uma mudança de comportamento, os técnicos esperam que os criminosos alterem os seus hábitos e não voltem a reincidir.

"Os programas terapêuticos duram 18 meses e fazem um trabalho com o agressor no sentido de este conseguir reconhecer o crime e de se sentir responsável", explicou à agência Lusa Luís Couto, subdirector geral da Direção Geral de Reinserção Social (DGRS).

Além do trabalho de reconversão comportamental, Luís Couto acredita que estas sessões "permitem que a vítima se sinta mais segura".

Neste momento apenas 18 agressores estão no programa, mas já "foi proposto em tribunal que outros 41 agressores também o frequentassem". Além daqueles, existem ainda outros "95 agressores em avaliação e diagnóstico", contou o subdirector.

As penas por violência doméstica são variadas: o tribunal pode decretar uma pena de prisão, trabalho na comunidade ou suspensão provisória do processo. Nestes casos, e depois de avaliado o perfil do criminoso, pode ser proposta a frequência num dos programas de reconversão.

"Aqui não queremos apenas fazer o controlo, queremos também dar apoio", sublinhou Luís Couto, subdirector geral da DGRS.

O relatório "Violência Doméstica 2009" hoje divulgado lembra que as vítimas de violência doméstica continuam a ser, na maioria, mulheres (85 por cento), com uma idade média de 39 anos, mais de metade

casadas ou em união de facto, na maioria dos casos com o agressor. Destas, 77 por cento não dependiam economicamente do agressor.

Em mais de metade dos casos (51 por cento) tinha havido ocorrências anteriores de violência doméstica, segundo os dados da GNR. As agressões foram praticadas maioritariamente na casa da vítima (80 por cento dos casos) e foram presenciadas por menores em 45 por cento dos casos.

Entretanto, a secretária de Estado da Igualdade, Elza Pais, apresenta hoje as portarias que regulamentam o regime de proteção às vítimas de violência doméstica, que vão definir as condições para a utilização de vigilância eletrónica dos agressores e para a teleassistência.

As portarias definem também o modelo do estatuto da vítima, que lhe confere a possibilidade de ser indemnizada pelo agressor, reembolsada das despesas com o processo e de lhe ser atribuído o documento que comprova o "estatuto de vítima", que dá acesso a benefícios sociais, apoio ao arrendamento e frequência de formação profissional.

SIM/APN

+++ Este texto foi escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico +++

Fonte: Agência LUSA
